

Comportamento

Apreciadoras da bebida têm buscado cada vez mais conhecimento sobre produção e degustação. Em Brasília, há até uma confraria de mulheres sendo auditada para entrar no Guinness Book como a maior do gênero no mundo

POR CAROLINA MARCUSSE*

O ambiente de produção, apreciação e avaliação de vinhos é tradicionalmente ocupado por homens, certo? Essa afirmação até estava correta há alguns anos, mas o cenário tem mudado. E as mulheres estão cada vez mais presentes nesse nicho, ocupando posições de destaque. Seja na parte técnica, como enólogas e produtoras, seja como sommeliers, na área de avaliação e degustação.



O universo feminino dos vinhos

A ocupação feminina conta com exemplos em diversos locais do mundo, como a famosa champagne francesa Guy Méa, que comercializa espumantes de qualidade desde os anos 1950 e, atualmente, é administrada por uma mulher, Sophie Milesi. Ela trouxe uma série de inovações na produção da família, que conta, inclusive, com certificação de sustentabilidade ambiental.

E esse não é um caso isolado. A cerca de 80 quilômetros de Brasília, no município de Formosa, em Goiás, a socióloga e sommelier Lorena Ferraz produz vinhos brasileiros há dois anos, na Lorange Marani. O nome faz referência aos tradicionais vinhos laranjas da Geórgia, país vizinho da Rússia, e às iniciais de Lorena e Gocha, responsáveis pela criação da bebida. Trata-se de uma produção independente. Apesar de não realizar a plantação das videiras, ela transforma em vinhos as uvas que vêm do Vale São Francisco e do Sul do país, utilizando uma receita ancestral georgiana.

Lorena conduz a propriedade e é responsável por administrar a vinícola, organizar a comercialização dos vinhos e divulgar os produtos nas redes sociais. Ela conta que o encanto e a curio-

sidade que sempre teve em torno do vinho como consumidora a levou a estudar e a se especializar no assunto. A produção, que agora está no segundo lote, também está extremamente conectada a seu companheiro, um georgiano que vem de uma família de produtores de vinhos e vem testando e aprimorando como melhor reproduzir a receita em terras brasileiras.

Lorena admite que está em uma posição privilegiada, pois sempre teve acesso a viagens e informação, como a formação que teve pela Associação Brasileira de Sommeliers (ABS) de São Paulo e de Brasília. Apesar disso, sabe que não é a realidade de muitas mulheres, que têm medo ou receio de frequentar e ocupar esses espaços. Ela conta que parte de seu trabalho também é combater essa realidade, incentivando e inspirando mulheres a provarem e explorarem o mundo do vinho. “É como na culinária, você não precisa saber cozinhar para gostar de um preparo. Com os vinhos, você não precisa ter conhecimentos acerca deles para gostar e provar”, afirma a especialista, sobre falas comuns que elitizam e afastam ainda mais as pessoas da enocultura.

Amigas do vinho

Nesse contexto de busca das mulheres por conhecimento, Rachel Alves Nariyoshi começou a estudar sobre o vinho — a história e as particularidades da bebida. Gostou tanto do tema que passou a fazer cursos, comprar livros e revistas, conciliando o hobby com seu trabalho formal, em tecnologia da informação. Quando surgiu o primeiro curso de gastronomia em Brasília, ingressou na faculdade, formou-se e continuou na instituição como professora de vinhos, devido à bagagem que já tinha antes e à que adquiriu na formação.

Além da posição de docente, sempre teve interesse em grupos e associações, por isso, quando conheceu a Confraria Amigas do Vinho, em uma viagem à Serra Gaúcha, encantou-se e quis fazer parte. Mas, como funciona na esfera estadual e ela não mora no Rio Grande do Sul, recebeu instruções de que poderia fundar uma confraria para atuar no Distrito Federal. Rachel juntou um grupo de amigas que também tinham interesse no assunto e fundou a Confraria Amigas do Vinho, seção Brasília, em novembro de 2005. Na época, contava com sete mulheres. Hoje, 16 anos depois, são cerca de 2,5 mil confradeiras cadastradas.